



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
XV SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA ARTE**

**Museu e Patrimônio: uma reflexão sobre os espaços culturais do município de
Pelotas/RS - Brasil**

Paula Lima Pacheco – Universidade Federal de Pelotas

paulalima.p10@gmail.com

Dra. Rosemar Gomes Lemos (orientadora) – Universidade Federal de Pelotas

rosemar.glemos@gmail.com

RESUMO

Este trabalho é um recorte de um dos capítulos da minha pesquisa monográfica do Curso de Especialização em Artes pela Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, a qual está em andamento. Neste texto abordo algumas reflexões sobre a relação entre museu e patrimônio, aprofundando o tema na realidade vivenciada pela população do município de Pelotas-RS, Brasil. Na investigação percebeu-se que há uma vasta quantidade de museus e patrimônios a partir dessa realidade julgou-se conveniente apresentar uma breve reflexão sobre o histórico pelotense através das exposições permanentes de três museus, sendo eles: Museu do Doce, Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo e Museu da Baronesa verificando as culturas valorizadas nos mesmos bem como as invisibilizadas. O artigo finaliza teorizando sobre as causas e consequências dessa diferença de valores no que se refere ao patrimônio cultural material e imaterial.

Palavras-chave: Reflexões; Museu; Patrimônio; Pelotas; Exposições.

INTRODUÇÃO

Esta investigação trata de um dos capítulos da minha pesquisa monográfica do curso de Pós Graduação em Artes - Especialização - Lato Sensu, pela Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, a qual está em andamento.

Este texto apresenta algumas reflexões sobre a relação entre museu e patrimônio, aprofundando o tema na realidade vivenciada pela população do município de Pelotas-RS, Brasil. A cidade está localizada ao sul do Rio Grande do Sul cerca de 220Km da capital, Porto Alegre, sendo uma das mais populosas do estado, instalada às margens do Canal São Gonçalo que liga as Lagoas dos Patos e Mirim.

O município foi fundado na metade do século XVIII, através da doação que Gomes Freire de Andrade, fez ao Coronel Thomáz Luiz Osório, das terras que ficavam às margens da Lagoa dos Patos. Logo, José Pinto Martins, fundou próximo ao Arroio Pelotas a primeira Charqueada (propriedade rural em que era produzido o charque - carne salgada). Diante disso, a cidade tornou-se uma das principais produtoras de charque¹ enviado para todo o Brasil. O nome, "Pelotas", foi baseado nas embarcações de varas de corticeira forradas de couro, usadas para a travessia dos rios na época das charqueadas.

As principais atividades econômicas desde sua fundação foram o agronegócio e o comércio passando por momentos históricos onde a indústria (de tecidos, frigorífico e conservas de legumes e doces, principalmente) ocupou um lugar importante. Tais atividades geraram manifestações culturais relacionadas ao patrimônio histórico imaterial e, a partir do final do século XX, especificamente em 1986, surgiu, e até hoje acontece, a tradicional “Fenadoce - Feira Nacional do Doce -”, criada pelo Poder Público juntamente a outras entidades. A Câmara de Dirigentes Lojistas de Pelotas — CDL — assumiu a coordenação do evento em 1995. Nas primeiras edições, acontecia a cada dois anos, sempre em um local diferente da cidade. A partir de 1988, a Feira tornou-se anual e ganhou endereço fixo: o Centro de Eventos Fenadoce, próximo ao principal trevo de entrada do município. A Fenadoce é uma festa que destaca os famosos doces de origem portuguesa, os quais eram confeccionados por mulheres de modo que esse fazer, teve e têm uma grande importância para a cidade, segundo Zuban e Machado (2013, p.97): “Na perspectiva dos Estudos Culturais, as representações culturais são produtivas, veiculadoras não apenas de conhecimento, mas de modos de ser que contribuem na constituição de subjetividades e identidades”.

Além dos doces, a cidade também possui um grande patrimônio cultural material, que pode ser comprovado através dos modelos arquitetônicos e das construções tombadas ou inventariadas como patrimônio histórico e cultural. Pelotas é patrimônio histórico e artístico nacional e patrimônio cultural do Estado do Rio Grande do Sul.

Segundo Hernández (2006, p.18) a palavra museu quer dizer “[...] ‘lugar dedicado a las Musas’, consideradas diosas protectoras de la poesía, de las ciencias y

¹ O charque era quase exclusivamente produzido pelo Brasil. Na sua preparação, a carne bovina é desossada, cortada em largos pedaços delgados (“mantas”), salgada (cobertura de até 2 cm de sal), empilhada e exposta em galpões ventilados. As mantas são constantemente mudadas de posição para facilitar a desidratação. Após a desidratação da carne, era rapidamente lavada para retirada do excesso de sal, e a seguir secada em gaiolas expostas ao sol (recebia até 8 horas de exposição por até 5 dias), para então ser comercializada. (MUNDO TRADICIONALISTA, 2017, Disponível em: <http://mundotradicionalista.com.br/origem-e-preparacao-do-charque/>).

las artes.”² No que se refere à definição de patrimônio, Varine (2013, p.20) diz que o patrimônio está ligado ao tempo por sua evolução e por seus ritmos - “Ele tem um passado, um presente e um futuro”. Desta forma é possível perceber que existe uma relação direta entre museu, patrimônio e a sociedade onde os dois estão inseridos.

Com a globalização, influenciando diretamente na evolução das relações sociais e de poder, os museus vêm modificando sua postura com o passar dos anos, o foco não é mais guardar obras e objetos, mas proporcionar sua contemplação, mas sim verificar o que os visitantes estão pensando sobre eles, segundo Hernández (2006, p.104): “El museo deja de ser un depósito de obras de arte para convertirse en un elemento dinamizador de la cultura y de la educación, al ofrecer al público la oportunidad de acceder a su contenido.”³

Acredito que atualmente o espaço museológico está mais preocupado em estimular as pessoas a refletirem sobre suas exposições do que simplesmente apresentá-las para contemplação. Este conceito refere-se a prática da nova museologia e da mediação artística na área de artes pois, conforme diz Varine (2013, p.181) “a ‘nova museologia’, toma formas diferentes de acordo com o país e com os contextos, é um movimento de museólogos que procuram adaptar melhor o museu a seu tempo e às necessidades das populações”. Na mediação artística, Diz Rochefort (2013, p.1):

Mediar é trocar, é criar relações, diálogos, sobreposições. É produzir conversações que extrapolam os limites estabelecidos pelos conceitos/poética do artista a partir dos múltiplos agenciamentos, ramificações geradas no encontro dos sujeitos, obra/artista, visitante/fruidor e mediador. (ROCHEFORT, 2013, p.1).

Nesta nova visão de museu há um mediador que auxilia o público dedicando um tempo para que pense sobre as obras e objetos expostos. Diante disso, o espaço museológico está criando outras possibilidades de identificação das exposições com os visitantes através; das mediações, das ações pedagógicas, além da interação com as obras com o uso de tecnologias. Diz, Canavarro (2006, p.4):

[...] nesta zona de cruzamento entre o lazer e a aprendizagem que residem alguns dos espaços mais promissores para o desenvolvimento de novos paradigmas de atuação, o que tem colocado às instituições culturais novos desafios e aberto oportunidades para o desenvolvimento de novas estratégias de relacionamento com os públicos, repensando e reequacionando os espaços e as formas para este encontro. Neste campo, os serviços e projetos educativos têm vindo a assumir cada vez mais o papel de interfaces de comunicação com as audiências e de lugares privilegiados para a construção de saberes e o estabelecimento de relações duradouras e exigentes. (CANAVARRO, 2006, p.4).

Além disso, acredito que o público também está se modificando, vagarosamente, no que se refere a valorização de seus patrimônios. Pode-se afirmar que esta mudança vem ocorrendo devido às excursões de escolas, projetos das universidades, trazendo crianças e adolescentes de periferias e outros locais que não somente do centro da cidade de Pelotas-RS. Segundo a reflexão de Zuban e Machado (2013, p.94):

² Tradução: [...] significava "lugar dedicado às Musas", consideradas deusas protetoras da poesia, da ciência e das artes. *Tradução Livre da Autora.

³ Tradução: O museu deixa de ser um repositório de obras de arte para se tornar algo como um elemento dinâmico de cultura e educação, oferecendo ao público a oportunidade para acessar seu conteúdo. *Tradução Livre da Autora.

Nesse sentido, as instituições museológicas não somente dizem coisas sobre o passado, mas naturalizam formas de ver o mundo, legitimam, hierarquizam e ordenam culturas e identidades e podem ser interpretadas como espaços políticos, de disputas de representação, começando pelas representações atribuídas aos objetos pelos próprios técnicos desses espaços culturais, pela participação ou não das comunidades onde se encontram inseridos, pelos patrocinadores das exposições e ainda pelos demais públicos que visitam essas instituições. (ZUBARAN e MACHADO. 2013, p.94).

Isso faz com que os alunos tenham uma visão diferenciada dos objetos que os rodeiam, dos seus patrimônios. Além da relevância do espaço proporcionado pelo professor mediador nestes locais, estimulando o pensamento.

Ao tratar do conceito de Museu deve-se levar em conta ainda que existem vários tipos. Eis alguns exemplos:

- a) Museu de Arte: cujo acervo é constituído exclusivamente de obras de arte, como esculturas, pinturas e instalações. Exemplo: Museu de Arte de São Paulo; (http://masp.art.br/masp2010/sobre_masp_missao.php);
- b) Museu Histórico: prevalece a relevância histórica do seu acervo. Exemplo: Museu do Trabalho Michel Giacometti - Setúbal - PT; (<http://www.visitsetubal.com.pt/museusmonumentos/museu-do-trabalho-michel-giacometti/#>);
- c) Museus de Ciência: o propósito é ensino da ciência e de suas formas de raciocínio. Exemplo: Museu Oceanográfico "Prof. Eliézer de Carvalho Rios" - Rio Grande-RS; (<http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/atrativos-turisticos/detalhes+169d2,,museu-oceanografico-professor-eliezer-de-carvalho-rios.html>);
- d) Museus Biográficos: todo acervo pertenceu ou foi produzido por uma só pessoa. Exemplo Casa Fernando Pessoa - Lisboa - PT (<http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/>);
- e) Museu virtual: espaço virtual de visitação de seus usuários através da internet. Exemplo: Museu da Pessoa (<http://www.museudapessoa.net/pt/home>). Entre outros.

O patrimônio cultural, conjunto de manifestações e representações de um povo, também possui tipologias exemplo; Patrimônios Materiais: constituídos de obras arquitetônicas, esculturas, pinturas, e outros elementos com valor histórico, artístico e científico. Patrimônios Imateriais: constituídos pelas formas de expressão e padrões de comportamento, modos de criar, fazer e viver, incluindo a gastronomia, a religião, os ritos, a música, a dança, as festas, as manifestações literárias, e os conhecimentos artísticos, científicos e técnicos. Patrimônios Vivos: são pessoas ou grupos que detenham conhecimento ou técnica necessária para a produção e preservação de aspectos da cultura popular e tradicional. Patrimônio Natural: os bens relativos ao meio ambiente e que podem ser classificados como culturais a partir do seu relacionamento com as sociedades. Eles são as florestas, matas, lagoas, mangues, dunas, serras, e todos os seres vivos, animais e vegetais em que nesses ecossistemas habitam.

Ao direcionarmos esta abordagem para a cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, podemos perceber que há uma vasta quantidade de museus e patrimônios. Na área urbana tem-se há o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, Museu da Baronesa (histórico), Museu do Doce (cultural), Museu Carlos Ritter (ciências naturais). Também existem vários patrimônios culturais, sendo alguns explorados e valorizados. Segundo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN (2017): são

monumentos e espaços públicos tombados na cidade de Pelotas/RS: o Teatro Sete de Abril, a Catedral de São Francisco de Paula, o Grande Hotel, a Biblioteca Pública Municipal, o Paço Municipal, o Mercado Municipal, as Casas Nº 2 e Nº 6 da Praça Cel. Pedro Osório, a Secretaria de Finanças do município, a Fonte das Nereidas, a Praça Coronel Pedro Osório, o Largo do Mercado, o Beco das Artes e o Beco dos Doces e das Frutas.

REVISITANDO ALGUNS MUSEUS PELOTENSES

A partir do foco deste Trabalho acredita-se necessário apresentar uma breve reflexão sobre os patrimônios conservados e apresentados em três museus locais, a partir de suas exposições permanentes. Estes espaços são: Museu do Doce, Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo e Museu da Baronesa.

Se referenciarmos a história de Pelotas perceberemos a presença de brancos portugueses e negros africanos (como destacado na introdução) os quais, se considerada a nova museologia deveriam estar representados nas exposições permanentes dos museus locais ou ainda, terem suas manifestações e elementos culturais preservados enquanto elementos do patrimônio histórico imaterial, segundo Zuban e Machado (2013, p.94):

Entendemos que a investigação das memórias, da história e da cultura da comunidade negra não são assuntos que dizem respeito apenas às populações negras, mas se constituem em um tema que interessa a toda a sociedade brasileira, na medida em que contribuem para a desconstrução de preconceitos e estereótipos étnico-raciais e no combate ao racismo e à discriminação étnico-racial. (ZUBARAN e MACHADO. 2013, p.94).

Desse modo, nas próximas linhas reflito através das exposições, como estes museus, abordam o contexto histórico de Pelotas-RS, pensando na contemplação do público no que se refere ao seu pertencimento à história da cidade.

A. Museu do Doce: um pensar através dos doces sobre o contexto histórico de Pelotas/RS:

No Museu do Doce, (Figura 1) órgão suplementar do Instituto de Ciências Humanas - ICH da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL – situado na Praça Coronel Pedro Osório, número 8 – criado em dezembro de 2011, pelo desejo da comunidade doceira pelotense em possuir um local que contasse e valorizasse sua história. Sua função é salvaguardar os suportes de memória da tradição doceira de Pelotas e da região e como compromisso, produzir conhecimento sobre esse patrimônio.



Figura 1 - Museu do Doce
(Fonte: Museu do Doce, 2017)

A casa que abriga o museu pertencia ao político pelotense Francisco Antunes Maciel, uma construção de esquina com recuos lateral e frontal formando acessos ajardinados, possui porão alto com sacadas, coroada por frontões curvos, vasos e estátuas, uma clarabóia sobre um *hall* de distribuição do bloco de esquina, iluminando a circulação que serve de distribuição para diversos compartimentos. Em seu interior, possui forros trabalhados em estuque com relevos em gesso. As varandas são decoradas e protegidas por lambrequins confeccionados em madeira. Sendo que, na metade do Século XX a família Maciel mudou-se para o Rio de Janeiro e a casa foi tombada em nível federal pelo IPHAN e comprada pela UFPel em 2006. Logo a Universidade iniciou o processo de restauração e adequação para uso do museu, o qual instalou-se no ano de 2013.

Em 2016 foi inaugurada, a exposição permanente: intitulada - “Entre o sal e o açúcar: O doce através dos sentidos” (Figura 2) – que conta a história da cidade, incluindo as questões de gênero (visto que as mulheres pelotenses, principalmente no século XX, trabalhavam nas fábricas de compota), a tradição doceira e os elementos decorativos da construção executada no final do século XIX. O artigo “Mulheres e doces: o saber-fazer na cidade de Pelotas”, de Ferreira e Cerqueira 2012, torna possível a percepção da relevância que as mulheres tiveram e têm na elaboração dos doces pelotenses, pois este tipo de trabalho constituía um meio de serem “independentes” visto que, até meados do século XX, elas não podiam sair de casa desacompanhadas da presença masculina, tanto que estes casarões possuem pátios internos, os quais as mulheres utilizavam para “passear” durante o dia - a - dia. Portanto foi através da confecção dos doces que elas conseguiram ter seu próprio dinheiro. Inicialmente a tradição surgiu nos casarões, incluindo a participação muito importante das negras. Segundo Ferreira e Cerqueira (2012, p.269):

Ainda que esses momentos fossem acompanhados pela exaustão física e pelo constante temor de não conseguir realizar a tempo a encomenda feita, as evocações a essas noites de trabalho são acompanhadas por uma nostalgia de um tempo caracterizado pelo trabalho, pela reunião familiar e de amigos, o que contrasta com o presente quando a atividade doceira já foi interrompida e a desagregação desses laços se apresenta sob diferentes formas de rupturas e descontinuidades, desde o desmembramento da família, até a perda dos referenciais de vizinhança, do bairro, do modo de viver. (FERREIRA e CERQUEIRA, 2012, p.269).



Figura 2 - Exposição Principal, Museu Do Doce
(Fonte: Museu do Doce, 2017)

Com a evolução dos tempos as mulheres pelotenses começaram a trabalhar fora de casa nas fábricas de compota. As condições de trabalho eram precárias, na época de safra as empregadas tinham horário para entrar na fábrica, porém não havia hora certa para sair, porque deveriam terminar todo o trabalho, afim de aprontar as compotas.

Assim que essa exposição é representativa desses fatos históricos resultando do trabalho de investigação e materialização de um dos patrimônios imateriais do município e foi desenvolvido pelo Programa de Extensão “O museu do conhecimento para todos⁴”. Com essa exposição, dá-se continuidade às atividades de comunicação do museu, ancoradas em pesquisa sobre o tema. A exposição faz referência a importante pesquisa que subsidiou o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) – produção de doces tradicionais pelotenses, citando conteúdos e conclusões desenvolvidos por esse trabalho.

O prédio como um todo configura-se enquanto patrimônio da cidade e se, analisarmos não somente ele mas a maioria dos museus da mesma localidade, esses estão em pontos históricos e contam o passado escravocrata da cidade apenas de forma serviçal, sem a valorização cultural desta etnia.

Percebe-se que há três tradições de doces, sendo eles; finos, coloniais (em ambos a transmissão dos conhecimentos é transferida de uma geração para outra) e industrializados (elaborados nas fábricas de compota). Porém é nos doces finos que a presença feminina tanto branca quanto negra se apresenta como a principal nesse processo de elaboração e venda desses produtos. Estes doces trazem à cena a doceira urbana que transita pela cidade, buscando locais de compras no mercado, identificando fornecedores, estabelecendo sistemas de cooperação e divulgação do seu trabalho. Porém ao visitar a exposição percebi que a presença das negras doceiras nem sempre é representada com algo importante. Segundo, Zuban e Machado (2013, p.104); “[...] a

⁴ Esse é um Programa de Extensão vinculado ao Departamento de Museologia, Conservação e Restauro do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas. Teve início em 2012. Objetiva formar recursos humanos e desenvolver produtos e procedimentos para a inclusão de pessoas com deficiência em museus universitários. O programa - O Museu do Conhecimento para Todos - foi contemplado no edital MEC/PROEXT 2011, efetivado nos anos de 2012 e 2013 e novamente contemplado no Edital Proext 2015 em desenvolvimento até 2017. (MUSEU DO DOCE, 2017, Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/museudodoce/acessibilidade-e-inclusao/>).

representação racializada do negro na exposição é o silenciamento sobre as experiências e os saberes negros, sobre sua história e práticas culturais.” Acredito que o museu, como espaço cultural e patrimonial de construção de conhecimento seria o local, onde todas as etnias deveriam ser representadas com a mesma relevância, pois é ali que os visitantes irão criar suas relações com as suas histórias, se sentindo representados e incluídos na história da cidade de maneira significativa.

B. Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo - MALG: uma nova perspectiva sobre Pelotas, através das obras de Gotuzzo:

O Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo – MALG (Figura 3), um órgão suplementar do Centro de Artes – CA – da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, aberto à comunidade, sem fins lucrativos, de natureza cultural, tem como missão conservar e divulgar a produção do pintor gaúcho e pelotense Leopoldo Gotuzzo⁵ (Figura 4), além da produção e comunicação de conhecimento em artes visuais. Ressalta-se que a atual casa do MALG é alugada para a UFPEL, foi construída em 1876 por Francisco Alsina um espanhol e sofreu algumas modificações, pois foi utilizada como residência no andar de cima e destinado a lojas comerciais no piso térreo. Houve recentemente uma restauração completa da casa, a qual pode-se notar o cuidado extremo nos detalhes, como as escaíolas do andar de cima, a sacada que dá para a rua Osório e o terraço dos fundos, não acessível aos visitantes.



Figura 3 - Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo – MALG
(Fonte: Gigalista, 2017)

⁵“Um grande artista, cujo estilo ligado ao pós-impressionismo tem incontestável marca individual. Sua obra segue uma linha segura e firme. Seus temas, sejam figuras, paisagens, flores ou naturezas mortas servem de pretexto para telas onde a sensibilidade e a técnica aprimorada revelam o desenhista seguro, o colorista nato, em composições espontâneas de fatura desembaraçada. Este é Gotuzzo .” Luciana Araújo Renck Reis, fundadora do MALG e Diretora do Museu de 1986 a 1989.(L. GOTUZZO: 1987: 02 apud MALG, 2017, Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/malg/leopoldo-gotuzzo/>).



Figura 4 - Leopoldo Gotuzzo
(Fonte: Jornalismo Digital, 2017)

O MALG possui um acervo com mais de três mil obras, divididas em sete coleções e recebe exposições temporárias de artistas convidados, além das obras pertencentes às coleções do museu e exposições em parceria com outras instituições. Em exposição permanente encontram-se objetos e obras do Gotuzzo, sendo que, durante todas as exposições temporárias, destina-se uma das três galerias para apresentação das obras do artista. Diante do grande acervo que possui, não são sempre as mesmas obras que são expostas, pois os curadores têm a possibilidade de trocar a cada evento. Neste espaço destinado ao Gotuzzo o museu aborda um pouco sobre Pelotas através do olhar do artista, apresentando obras elaboradas no município e fora dele, sendo que há obras que retratam paisagens de Pelotas e da região, como por exemplo; um “pôr - do - Sol” pintado no município de Capão do Leão-RS. No entanto, durante um período em que fui mediadora voluntária no MALG (segundo semestre de 2015), percebi que estas obras chamam atenção dos visitantes, tanto infantil, quanto adulto, aproximando-os do museu e de Gotuzzo. Ao longo do tempo em que estive no museu julgo importante mencionar que estabeleceu-se uma grande reflexão sobre a cidade, sua história e seus patrimônios. Eis o relato (Pacheco, 2015, p.47):

Percebi que eles gostaram também das obras do — Gotuzzo, pois são paisagens do Rio Grande do Sul e estão mais próximas de sua realidade, tanto pelas paisagens gaúchas, quanto pela obra em si, considerando que vêm pinturas na escola. (PACHECO, 2015, p.47).

Outro fato percebido durante minha vivência, e que envolve os visitantes foi a valorização dada por esses à história de Gotuzzo por ser pelotense, ter saído da cidade, tendo vivido da arte e logo retornar a sua terra. Tal fato criou uma expectativa de futuro, principalmente nas crianças, ao refletirem e perceberem que poderiam viver da sua arte, podendo tornar-se pessoas importantes.

C. Museu Municipal Parque da Baronesa: uma análise sobre a construção histórica de Pelotas por meio dos ambientes e objetos do museu:

O Museu Municipal Parque da Baronesa (Figura 5) é uma chácara e foi construída no século XIX, sendo adquirida de Vicente Aurélio Prates pelo Cel. Aníbal Antunes Maciel, afim de presentear seu filho Aníbal Antunes Maciel, por ocasião do casamento deste com Amélia Hartley de Brito. O casal mudou-se para Pelotas e durante os anos de matrimônio, tratou de melhorar as condições da chácara. Ampliou e transformou numa construção de base quadrada, com pátio central, encimada por uma camarinha. Do lado esquerdo e interligada ao solar, em uma varanda decorada com lambrequins, foi edificado o salão de festas (capela). Nos fundos, foi construída a magnífica torre de banhos (Figura 6) a qual apresenta azulejos europeus e banheira com fundo de mármore.



Figura 5 - Museu Municipal Parque da Baronesa
(Fonte: Pelotas, 2017)



Figura 6 - Torre de Banhos - Museu Municipal Parque da Baronesa
(Fonte: Pelotas, 2017)

O solar é uma obra arquitetônica cuja beleza reside na harmoniosa convivência entre os estilos neoclássico e colonial brasileiro. Contornando todo o conjunto, foram cultivados vários jardins: um ao gosto francês (Figura 7) - rígido e simétrico pelo desenho dos canteiros, chafariz e elementos decorativos e um ao gosto inglês (Figura 8) - pitoresco, com uma gruta labirintiforme construída com pedras superpostas, com interior em pedras de quartzo. A água canalizada da gruta forma dois lagos. Sobre estes, pontes rústicas. Também foi erguido um "castelinho" para acolher coelhos e pombos.



Figura 7 - Jardim Interno - Museu Municipal Parque da Baronesa
(Fonte: Museu da Baronesa, 2017)



Figura 8 - Jardim Externo - Museu Municipal Parque da Baronesa
(Fonte: Museu da Baronesa, 2017)

Desse modo, Aníbal Antunes Maciel, ganhou notoriedade pela alforria concedida a seus escravos, muito antes da Lei Áurea, fato que o fez ser agraciado com o título de Barão dos Três Serros, por decreto do Imperador Dom Pedro II. Faleceu três anos depois, porém a baronesa viúva permaneceu mais alguns anos na cidade. D. Amélia Harthey Antunes Maciel, "Sinhá Amélinha", era conhecida também por sua bondade. Esta grande dama tornou conhecida à chácara dos barões como o "Solar da Baronesa".

O prédio foi restaurado, e entregue a comunidade pelotense em 1982, como Museu Municipal Parque da Baronesa. Possui um acervo de mais de mil peças destacando-se uma coleção de móveis, vestimentas e acessórios pertencentes à família Antunes Maciel e uma coleção pertencente ao artista plástico Adail Bento Costa, com

móveis, leques, porcelanas, pratarias, armários, paramentos, vestes, fardas militares e imagens de madeira. Nas exposições de longa duração encontram-se os ambientes originais da residência XIX (Figura 9). Entre eles há uma vitrine representando um sarau, o setor íntimo com os quartos, uma circulação fechada que circunda o espaço do alçobe, copa, cozinha, quarto de banho, sala de janta, sala de estar, sala de música e salão de festas.



Figura 8 - Sala de Visita - Museu Municipal Parque da Baronesa
(Fonte: Museu da Baronesa, 2017)

A maior parte do acervo está distribuída nesses cômodos, de forma que se perceba como eram os costumes da sociedade pelotense no final do século XIX e início do século XX. Porém, no acervo, além de uma pintura representando a vida escrava não há qualquer outra representação dos negros que viveram em Pelotas no século XIX de forma à ressaltar o valor que os mesmos tiveram para o município em termos culturais e patrimoniais, Zuban e Machado (2013, p.103/104), ao tratar dos acervos que retratam a escravidão declaram:

[...] representação racializada do negro como vítima da violência escravista é marcada também pelos objetos de castigo exibidos em todos os módulos da exposição, como gargalheiras e vira-mundos assim como, pelo texto que identifica esses objetos, sem, contudo, questionar os seus usos. Não se trata de colocar em questão a inegável violência da escravidão, mas de questionar a representação do escravo vítima como a abordagem dominante na história do período escravista. (ZUBARAN e MACHADO. 2013, p.103/104).

É relevante destacar a presença negra na construção da maioria dos casarões e de outros locais de Pelotas (como Teatro Sete de Abril e Catedral São Francisco de Paula, por exemplo), porém tal fato não está representado nos Museus locais. Visualiza-se somente os elementos de tortura e uma ou outra pintura com as negras acompanhadas de seus tabuleiros de doce nas calçadas do centro da cidade (somente no Museu do Doce). Acredita-se que tal abordagem deve ser alterada a partir de iniciativas dos coordenadores desses espaços museológicos. De acordo com a Nova Museologia todas as etnias presentes na cidade de Pelotas devem ser valorizadas e representadas no contexto historiográfico do patrimônio cultural da cidade.

CONCLUSÃO

Como considerações finais, espero que após essa reflexão, pensando nos museus como elementos de preservação do patrimônio material e imaterial de Pelotas, consigamos analisar melhor as exposições e a história da cidade além de propor novas ações. Pois tendo a Universidade Federal de Pelotas a coordenação de dois museus, torna-se possível a implementação da exposição de novos acervos. Acervos esses que contemplem a toda população, incluindo as expressões artísticas tradicionais e populares (arte urbana) Diante desse novo olhar, verifica-se o quanto estes locais enquanto espaços culturais, podem contar a verdadeira história da cidade e de seu povo (dos carnavais, da imprensa negra, da culinária popular), pois é através dos museus, e da valorização dos patrimônios que o ser humano consegue construir sua identidade, através do pertencimento, se sentindo representado de forma relevante.

Acredita-se que, dessa maneira os visitantes se identificarão com o museu, com a “cidade” a qual pertencem. tornando-se mais interativos e independentes das relações políticas e de poder, buscando novas fontes sobre, as origens de seu povo e sobre a história do local onde estão instalados.

REFERÊNCIAS

Livros:

HERNANDÉZ, F. H. **Planteamientos teóricos de la museología**. España: Ediciones Trea, SL, 2006;

VARINE, Hugues de. **As Raízes do Futuro o Patrimônio a Serviço do Desenvolvimento Local**. Porto Alegre, RS, Medianiz, 2013.

Artigo/Monografia:

CANAVARRO, Ana Rita. SERVIÇOS EDUCATIVOS NA CULTURA: PONTOS DE PARTIDA PARA UMA REFLEXÃO. In: **EDUCAÇÃO MUSEAL: UM CAMPO PROMISSOR PARA A PRÁTICA EDUCATIVA**. Lisboa: _, 2006. Cap. 1. p. 01-11;

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi; CERQUEIRA, Fábio Vergara. Mulheres e doces: o saber-fazer na cidade de Pelotas. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 8, n. 1, p.1-22, 2012;

MORALES, Patrícia Fernandes Mathias. **A Representação do Negro nos Museus de Pelotas (RS):** Entre os Integrantes do Clube Cultural Fica Ahi Pra Ir Dizendo. 2015. 84 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Museologia, Museologia, Conservação e Restauro, Universidade Federal de Pelotas - Ufpel, Pelotas/rs, 2015;

PACHECO, Paula Lima. **MEMÓRIA SOBRE O FUTURO:** experiência na ação pedagógica do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo - MALG. 2015. 63 f. TCC (Graduação) - Curso de Artes Visuais Licenciatura, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas - Ufpel, Pelotas/rs, 2015;

ZUBARAN, Maria Angélica; MACHADO, Lisandra Maria Rodrigues. O QUE SE EXPÕE E O QUE SE ENSINA: REPRESENTAÇÕES DO NEGRO NOS MUSEUS DO RIO GRANDE DO SUL. **Momento**, _, v. 22, n. 1, p.1-122, 2013.

Documentos Eletrônicos:

BRAGA, Rômulo Cavalcanti. **Casa Pro - AS CHARQUEADAS DO RIO GRANDE**. 2010. Disponível em: <<http://pro.casa.abril.com.br/group/cronicasdoouroverde/forum/topics/as-charqueadas-do-rio-grande>>. Acesso em: 28 fev. 2017;

BARROS, Érica. **Museus de Pelotas - Parte 2: Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo**: jornalismo-digital. 2015. Disponível em: <<http://jornalismodigitalepb.blogspot.com.br/2015/06/em-meio-ao-transito-pesado-do-encontro.html>>. Acesso em: 27 fev. 2017;

BRASIL. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). . **Conselho Consultivo tomba Terreiro de Candomblé em Cachoeira (BA)**. 2017. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/28>>. Acesso em: 22 fev. 2017;

BRASIL. PORTAL BRASIL. . **CULTURA: Conheça as diferenças entre patrimônios materiais e imateriais**. 2009. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cultura/2009/10/conheca-as-diferencas-entre-patrimonios-materiais-e-imateriais>>. Acesso em: 26 fev. 2017;

BRASIL/RS. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). . **Pelotas (RS)**. 2017. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/281>>. Acesso em: 05 fev. 2017;

BRASIL/RS. PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO GRANDE. . **Atrativos Turísticos: Museu Oceanográfico "Professor Eliézer de Carvalho Rios"**. 2017. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/atrativos-turisticos/detalhes+169d2,,museu-oceanografico-professor-eliezer-de-carvalho-rios.html>>. Acesso em: 27 fev. 2017;

CASTILHO, Juca. **Mundo Tradicionalista: Origem e Preparação do Charque**. 2015. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://mundotradicionalista.com.br/origem-e-preparacao-do-charque/&gws_rd=cr&ei=Yju7WIK1LMHJmQG64WIBw>. Acesso em: 27 fev. 2017;

Cultura: **Patrimônio cultural: o que é e os tipos**. 2014. Disponível em: <<http://cbhsaofrancisco.org.br/patrimonio-cultural-o-que-e-e-os-tipos/>>. Acesso em: 16 fev. 2017;

DIAS, Célia. **Fontes: Tipos de museus**. 2011. Blog. Disponível em: <<http://fontesgerais.blogspot.com.br/2011/09/tipos-de-museus.html>>. Acesso em: 24 fev. 2017;

ELOTAS/RS. PREFEITURA DE PELOTAS. . **Museu da Baronesa**. 2017. Disponível em: <http://www.pelotas.com.br/cidade_atracoes/pelotas_atracoes_baronesa.htm>. Acesso em: 21 fev. 2017;

GIGALISTA. **Museu da Baronesa: Turismo**. 2017. Disponível em: <<http://gigalista.com.br/turismo/>>. Acesso em: 25 fev. 2017;

PELOTAS/RS. _ . **Acessibilidade: O Museu do Conhecimento para Todos**. 2017. Universidade Federal de Pelotas - UFPEL. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/museudodoce/acessibilidade-e-inclusao/>>. Acesso em: 08 fev. 2017;

PELOTAS/RS. _ **Encontra Pelotas: Sobre Pelotas**. _ . Disponível em: <<http://www.encontrapelotas.com.br/pelotas/>>. Acesso em: 26 fev. 2017;

PELOTAS/RS. _ **Exposição Principal: Entre o sal e o açúcar: O doce através dos sentidos**. 2017. Universidade Federal de Pelotas - UFPEL. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/museudodoce/exposicao-principal/>>. Acesso em: 08 fev. 2017;

PELOTAS/RS. _ **História: Museu do Doce**. 2017. Universidade Federal de Pelotas - UFPEL. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/museudodoce/>>. Acesso em: 08 fev. 2017;

PELOTAS/RS. MUSEU DA BARONESA. . **História**. 2017. Disponível em: <<http://www.museudabaronesa.com.br/>>. Acesso em: 27 fev. 2017;

PELOTAS/RS. MUSEU DE ARTE LEOPOLDO GOTUZZO - MALG. **Leopoldo Gotuzzo**. 2017. Universidade Federal de Pelotas - UFPEL. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/malg/leopoldo-gotuzzo/>>. Acesso em: 24 fev. 2017;

PELOTAS/RS. MUSEU DE ARTE LEOPOLDO GOTUZZO - MALG. **Sobre o MALG: História**. 2017. Universidade Federal de Pelotas - UFPEL. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/malg/sobre-o-malg/>>. Acesso em: 24 fev. 2017;

Portal da Educação: Tipos de Museus de Acordo com Suas Coleções. 2012. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/turismo-e-hotelaria/tipos-de-museus-de-acordo-com-suas-colecoes/23839>>. Acesso em: 24 fev. 2017;

PORTUGAL. CÂMARA MUNICIPAL DE SETÚBAL. . **Visit Setúbal: Museu do Trabalho Michel Giacometti**. 2017. Disponível em: <<http://www.visitsetubal.com.pt/museusmonumentos/museu-do-trabalho-michel-giacometti/>>. Acesso em: 25 fev. 2017;

SÃO PAULO. MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO. **Sobre o MASP**. 2017. Disponível em: <http://masp.art.br/masp2010/sobre_masp_missao.php>. Acesso em: 01 mar. 2017;

RIO GRANDE DO SUL. PREFEITURA DE PELOTAS. . **História: Primeira referência histórica de Pelotas**. 2017. Disponível em: <<http://www.pelotas.rs.gov.br/cidade/historia.php>>. Acesso em: 28 fev. 2017.